

AS NARRATIVAS E TRADIÇÕES ORAIS MOÇAMBICANAS PERSONIFICADAS NA VOZ DA PERSONAGEM AVÓ INÊS NA OBRA O SÉTIMO JURAMENTO DA ESCRITORA PAULINA CHIZIANE

Arnaldo Gomes da Silva Filho¹

RESUMO

O presente trabalho tem a proposta de fazer uma reflexão a partir da perspectiva moçambicana de Chiziane e uma análise a partir da ancestralidade na voz da personagem avó Inês representada na obra *O Sétimo Juramento* (2000) da moçambicana Paulina Chiziane, escritora e a primeira romancista em língua portuguesa de grande influência em seu país. A autora parte do processo histórico pós-colonial, momento de ruptura com seu colonizador e destrincha na obra as diversas consequências causadas pelo sistema colonial e a guerra civil. A pesquisa ampara-se nas abordagens teóricas de autores Aguiar (2014), Amadou Hampâté Bâ (2010), Ferraz (2019), Ferreira (2009), Geary (2005), Ferraz (2019), Ferreira (2009), Macêdo (2007), Matos (2009), Noa (2014) e Silva (2006), Vilma Francismo Manuel (2018) e Watt (1996). Desta forma, buscamos evidenciar por meio da avó Inês, uma das personagens mais importantes da obra, como veículo da tradição oral e de ancestralidade que se destaca no romance, pois existe a preocupação que as tradições pereçam em detrimento à modernidade, porém, como força à resistência ancestral, as narrativas presentes na obra mostram que os ensinamentos são de grande valia e a palavra falada de grande importância para compreender a herança das memórias dos mais antigos.

Palavras-chave: Oralidade, Ancestralidade, Literatura Moçambicana, Paulina Chiziane.

INTRODUÇÃO

Moçambique foi marcado pelo colonialismo, por lutas de libertação e independência tardia. A busca pelo nacionalismo do país apareceu em meio a grande pluralidade étnica e cultural pelos interesses de compreender a situação política do país. Seu nacionalismo estaria baseado no contato com suas próprias raízes e organizações com os padrões eurocêntricos dos colonizadores e assim, buscava-se uma unidade política e cultural na formação do país. Segundo Geary (2005, p. 23), diz que “identidade política e identidade cultural estão, e têm direito de estar, unidas”.

São nesses contextos que a presente obra *O Sétimo Juramento* (2000) se encaixa, utilizando de uma narrativa no processo de pós-independência que reflete na sociedade descrita pela a autora. Maria do Carmo Ferraz Tedesco (2008) observa que a obra de Chiziane “é especialmente eficiente para a compreensão de detalhes da maneira como a sociedade se

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Culturas Africanas, da Diáspora, e dos Povos Indígenas – PROCADI, Universidade de Pernambuco (UPE) – Campus Garanhuns, arnaldo.gomes@upe.br.

organizou durante o processo de crise do modelo socialista e a decorrente guerra civil ocorrida em Moçambique”. (p.15)

Compreendemos que a etapa da intensificação das guerras em solo moçambicano foi o período importante para os romances da autora. “*O Sétimo Juramento*” de Paulina Chiziane demonstra em Moçambique os ensinamentos familiares e religiosos que são marcados fortemente pela oralidade. Nessas perspectivas, com intervenção da personagem avó Inês, mostram-se presentes influências ancestrais e tradicionais marcadas no seio religioso e cultural que se direcionam a identidade cultural moçambicana.

A partir disso, buscaremos realizar uma análise sobre narrativas da personagem avó Inês para investigar como as tradições, a ancestralidade, o sagrado e oralidade destacam-se na literatura moçambicana trazendo diagnósticos esclarecedores perceptíveis sobre cultura a partir da obra da autora. Sendo assim, optamos por construir em duas seções narrativas o corpo deste artigo, incluído, dentro do corpo texto, nossa metodologia, resultados e discussões. Acreditamos que dessa forma a leitura fluirá melhor para os(as) leitores(as).

LITERATURA MOÇAMBICANA: PAULINA CHIZIANE E A PERSONIFICAÇÃO DA SUA VOZ

A produção literária em Moçambique emerge durante o período da vigência do sistema colonial. Como se sabe, a literatura deste período privilegiava uma visão legítima da presença colonial em África e representações estigmatizadas da subalternidade dos africanos. Por volta dos anos quarenta surgiu a primeira geração de escritores nativos como Fonseca Amaral, José Craveirinha, Noémia de Sousa, e tantos outros que por meio de periódicos procuravam de forma consciente e sistemática construir a imagem da moçambicanidade, reivindicar e produzir uma literatura engajada, baseando-se em eventos políticos, históricos e culturais, logo, colocando-se a partir do colonialismo e realismo. Para Watt (1997, p. 33),

[...] uma das mais fortes características do romance é o realismo, ou exatamente, a maneira que é retrata todo tipo de experiência humana. A descrição detalhada como elemento fundamental da estrutura literária e o enredo voltado para situações reais e prováveis asseguram a verossimilhança.

As literaturas africanas foram estereotipadas e não dignas de sua própria autonomia segundo a crítica literária da época, que por muitas vezes taxara-a de não mostrar a África e a sua realidade e como uma “literatura ultramarina de Portugal” (CÉSAR, 1967). Cabe destacar que Moçambique passou por um processo colonial extremamente longo, tendo sua independência apenas em 1975 e conseqüentemente, os romances, poesias, dentre outras

produções haverá vestígios portugueses que englobam a colonialidade em suas composições. A partir desses pressupostos, Noa (2014) revela-nos:

A arte africana está visceral, está estruturalmente ligada ao meio em que ela surge. Então, se esse meio tem particularidades (culturais, políticas, ideológicas, sociais, econômicas), a literatura vai dialogar com esse mesmo meio e irá manifestar muitas das especificidades que esse meio apresenta (NOA, 2014, p. 343).

Seja na prosa ou poesia, Moçambique vem recriando e resgatando toda uma tradição por meio de escritores que fazem uso da oralidade como base cultural e fator constitutivo da sua identidade nacional, apresentando em suas narrativas o confronto de múltiplas ordens e dimensões como o tradicional e o moderno, o oral e o escrito, o rural e o urbano, o passado e o presente, o nacional e o estrangeiro entre outros que atravessam temas diversos desde os relativos à guerra ao cotidiano. É neste solo moçambicano que a voz de Paulina Chiziane, se revela e a mesma não se considera como escritora, mas sim como uma contadora de histórias, conforme afirmou em diversas entrevistas. De acordo com Macêdo e Maquêa (2007, p.75), descrevem que:

Nos textos de Paulina Chiziane encontramos um universo de Moçambique, constituindo um mergulho em costumes, lendas e perspectivas de populações distantes do litoral e, portanto, com um maior afastamento da cultura ocidental, que predomina em cidades como a capital, Maputo.

Ao relacionar as narrativas de Paulina Chiziane com o universo interior de Moçambique, o leitor é levado a seus costumes e tradições. Ler seus romances como *Balada de Amor ao Vento* (2003), *Ventos do Apocalipse* (2003), *O Sétimo Juramento* (2000), *Niketche: uma história de poligamia* (2004), *O Alegre Canto da Perdiz* (2007) entre contos e poesias, também se faz ouvir as mulheres que, não raro, foram caladas em muitas oportunidades nas sociedades tradicionais africanas. Sobre as tradições, elas “têm como função autenticar determinados valores pela repetição de ritos antigos (ou de ritos definidos como antigos, no caso das tradições inventadas), que dariam uma origem histórica a esses valores que devem ser aceitos por todos e que se opõem a costumes novos” (FRANCISCO MANUEL, 2018, p. 157).

O sétimo juramento (2000), terceiro livro produzido pela escritora moçambicana Paulina Chiziane, é um romance que traz em cena a família de David da Costa Almeida e Silva, gestor de uma empresa na capital que mesmo estando em total falência – num contexto neoliberal, traz consequências trágicas para os trabalhadores – proporciona ao protagonista prestígio e dinheiro em um Moçambique ambientado no pós-colonialismo através do misticismo e feitiçaria por meio do *Makhulu Mamba*. David representa o tirano e cristão que

deixa os seus aspectos africanos para trás e vai em busca da resolução dos seus problemas utilizando a magia. Participa de diversas cerimônias em busca de poder e faz da sua casa, em lugar mais reservado, um espaço para práticas ritualísticas.

Casado com Vera, tem dois filhos chamados Clemente e Suzy, que são apresentados no decorrer da narrativa. São nesses contextos que a personagem avó Inês aparece como bisavó de Clemente e Suzy, e sogra de Vera. Clemente tinha problemas os quais achavam que era possessão, e a sua mãe Vera, com auxílio da avó Inês, buscam maneiras de ajudá-lo. Ela é responsável pela contações de estórias quando seu neto era mais novo e o ensina sobre homens de espírito bravo e guerreiro. O filho mais novo segue o seu destino, transformando-se em curandeiro. Martins e Ferraz (2019) fazem uma descrição sobre a passagem da avó Inês no romance:

Avó Inês tem o dom de ver o destino e aconselha Vera chamar um curandeiro para falar com Clemente sobre as fortes alucinações do garoto. Toda a preocupação da Avó Inês para com o neto é devido ao fato de ter sido esposa de um feiticeiro. Sofreu com o marido, amante da sua própria mãe e teve seus filhos mortos em oferenda aos deuses cultuados por seu esposo. Fala sobre o passado com tristeza e lamenta porque só lhe restou Davi. Apesar do medo, ajuda a nora encontrar solução para os problemas vividos em família (MARTINS; FERRAZ, 2019, p. 68-69).

A escritora vale-se dos acontecimentos históricos para nos mostrar as consequências da colonização e dos conflitos contra as forças coloniais. Alguns dos resultados do colonialismo em Moçambique apresentado é o abandono das tradições, marca que fica evidente quando o protagonista ignora a cultura bantu na qual a pessoa não nasce, renasce, ao rejeitar o seu nome de origem africana – *Magalule Machaza Cossa* – adotando o catolicismo e o nome de batismo, ou quando vemos o tratamento que é dado à avó Inês ao tenta manter viva as tradições.

A obra além de apresentar um país liberto e devastado pelas guerras, personifica em David um recorte de Moçambique entre o urbano e o rural onde muitos assimilados pelo colonialismo não abandonavam completamente as práticas ancestrais. Vemos um homem que movido pela ambição está desesperado com a ideia de perder o seu poder econômico e político, faz uma viagem para o interior do país recorrendo ao mundo da feitiçaria não só para ganhar a cura e proteção, mas conquistar poderes ilimitados. Para isso, David faz um pacto com *Makhulu Mamba* – personagem das lendas de terror do universo mítico tsonga – o diabo na cultura ocidental que lhe oferece a oportunidade de solucionar todos seus problemas por meio de um juramento, o sétimo do protagonista, que dá título ao romance.

AS NARRATIVAS E A TRADIÇÃO ORAL PRESENTES NA PERSONAGEM AVÓ INÊS

Pensar nas narrativas africanas é se valer da tradição oral, de histórias que foram passadas por gerações que não se limitaram a lendas ou relatos históricos e mitológicos. A oralidade em África é compreender que a palavra falada representa o elo entre o homem, o sagrado e a natureza. Como observa o escritor Hampâté Bâ (2012) em “A tradição viva”, ao dizer que:

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimento de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória de uma geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são memória viva da África (HAMPÂTÉ BÂ, 2012, p. 167).

Refletindo sobre a fala do autor e fazendo ponte com obra *O Sétimo Juramento* (2000), percebemos que a escritora busca através das vozes da personagem idosa resgatar esta ancestralidade como forma de garantir que, as histórias contadas pela oralidade, não sejam apagadas pelo tempo/modernidade. Dessa forma, eventos passados podem ser identificados e as informações relacionadas à preservação e memória ainda podem ser mantidas. O conceito de memória, segundo Nora (1993), diz que:

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e repentinas revitalizações (NORA, 1993, p. 9).

Dito isto, de acordo com os autores Silva e Silva (2006), tradição é um produto do passado que reverbera no presente. É um conjunto de práticas e valores enraizado nos costumes de uma sociedade. Sendo assim, é através da avó Inês, onde conheceremos que suas narrativas estão sempre rebuscando passagens antigas que refletem nos aspectos tradicionais e culturais. Para isso, o leitor se depara com Clemente, o primogênito da família, que paga o preço da rejeição de seus pais pelas manifestações psíquicas que impulsionam uma causa ligada à ancestralidade. O garoto sofre alucinações que só sua avó Inês ao passar dos tempos, é capaz de explicar o que acontece com o neto, conforme aponta este trecho:

Avó Inês vai ao quarto de Clemente. Desperta-o. Toma-o nos braços com uma força extraordinária, como quem segura a mais preciosa das relíquias. Procura na mente histórias de encantar, mas a memória corre para o passado de mistérios e verdades ocultas. Diz ditados e fábulas. Embala-o. Diz que a vida é como a água, nunca esquece o seu caminho. A água vai para o céu, mas volta a cair na terra. Vai ao subterrâneo, mas volta à superfície. A vida é um eterno ir e voltar. O corpo é apenas uma carcaça



onde a alma constrói a sua morada. Depois conta as mais belas histórias de encarnação (CHIZIANE, 2000, p. 27).

Percebemos nesta passagem que a avó Inês, pertencente de uma cultura oral, é construída por orações curtas que reverberam na sua memória. Chiziane, assim como diversos escritores africanos, tentam em suas obras tirar as lentes eurocêntricas de sua terra introduzindo personagens idosos que fazem uso da oralidade para contar histórias dos tempos antigos que se revelam para os homens modernos da cultura escrita, representado na obra. A avó Inês, como ainda descrevem Ferraz (2019), Martins e Vieira (2019) é o elo entre a contemporaneidade moçambicana e a ancestralidade onde ela conta estórias para Clemente sobre homens de espírito bravo e guerreiro, como estes homens alcançam lugares de reis, sobre os que lutam em prol da humanidade e revela que o neto já viveu outra vida e era um bravo guerreiro. Morreu nas águas e trará paz ao lar em que vive afirmando a ele sua origem: ele é *Mungoni*, o prometido. Em consonância com a passagem acima, vemos na obra:

- Existe, sim. Tu, Clemente, tens espírito antigo. Vivestes há cem anos, fostes bravo, fostes guerreiro. Partistes para o fundo do mar e estás a ressurgir das águas para trazer paz a este lar. Tu és o prometido, aquele que saldará as dívidas dos antepassados. Tu és o homem que buscará a cura de todos os males. Tu marcharás ao lado das estrelas e levarás as manchas da lua porque tens mãos de chuva. O teu sorriso de água apagará o fogo em todas as almas (CHIZIANE, 2016, p. 28-29).

Nesta perspectiva, percebemos que a autora perpetua a tradição, recorrendo a ancestralidade moçambicana personificada na avó Inês através da enunciação oral. Estratégia esta que Matos (2009) faz uma reflexão e revela-nos:

Dirigida por um indivíduo real, vivo, a outro indivíduo real, vivo, ou indivíduos reais, vivos, em um tempo específico e em um cenário real que inclui sempre muito mais que do que meras palavras. As palavras faladas constituem sempre modificações de uma situação que é mais do que verbal. Elas nunca ocorrem sozinhas em um contexto simplesmente de palavras (MATOS, 2009, p. 7).

Dessa forma, é pontual afirmar que a escritora faz uma metalinguagem na obra ao trazer narrativas por meio da oralidade aproximando o leitor à cultura africana. Já que os mitos, provérbios e ensinamentos são oralizados pelos mais velhos. E ao lermos *O sétimo Juramento* (2016), notamos que as passagens da avó Inês é uma linguagem espontânea e sua voz imprime sentido as palavras de um lado pelo ritmo e por outro pela entonação.

- Estou apenas a rever memórias do tempo antigo. A reprodução de tudo o que vivi e vi. As almas não morrem, Vera, encarnam-se. E este filho nunca foi teu, nunca te pertenceu. Começa por decifrar o mistério do seu nome. [...] - Sim. No nome está a raiz do problema. Os antepassados sempre disseram A VITO I MPONDO! (CHIZIANE, 2000, p. 61).



Em sintonia com o exposto acima, Matos (2009) descreve que:

Nas culturas orais, os anciões têm um lugar privilegiado porque representam a memória viva de seus antepassados. Referindo-se a eles, os povos africanos, que guardam muito os valores e das tradições da cultura oral, costumam dizer: “Na África, cada velho que morre é uma biblioteca que se queima.” Isto porque, nesse modelo de cultura, em que as mudanças de uma geração a outra são mínimas, são eles que melhor poderão transmitir às novas gerações a riqueza cultural de seu povo (MATOS, 2009, p. 3).

É nítido que em diversas passagens Vera resiste em seguir o conselho da avó Inês em procurar um curandeiro para seu filho Clemente, pois o seu marido abandonou os costumes do seu povo e adotou a religião cristã. A avó Inês nesta obra reflete em um papel que preza por suas tradições e culturas, mas sente que todos os seus ensinamentos não serão acatados pelas pessoas mais jovens e como afeta na relação afetiva entre ambas personagens.

- Não enche a cabeça do menino com essas fantasias, avó. Não vê que ele está transtornado?
- Deixe-me revelar-te alguns segredos da vida, minha Vera.
- Agora não, avó, estou muito cansada. Fica para outro dia” (CHIZIANE, 2000, p. 29).

O rosto da velha ganha uma ligeira tristeza. Sempre que tenta comunicar, não encontra espaço. Os jovens dizem que as ideias dos velhos são fábulas, mitos, cantigas de embalar. A vida moderna torna gerações incomunicáveis. A nova língua afasta as pessoas das suas origens (CHIZIANE, 2000, p. 29).

Existem preocupações e indagações da personagem avó Inês quando houver sua partida para outra vida. A mesma preza para que Vera não se abale pelos problemas enfrentados na sua casa, pois, caso não esteja bem, refletirá em castigos para a avó. Em sua cultura, os que estão na vida pós-morte podem se prejudicar caso os da terra não estejam em paz ou abalados antes da sua morte.

- Não é sacrifício. É minha obrigação velar pela vossa saúde e bem-estar. Estou nas proximidades da morte, não vê? Quando eu morrer, os que estão no além quererão saber como estão os que deixei aqui. Que direi eu, se não vos cuidar? Que não velei pela vossa felicidade? Queres que eu seja castigada? (CHIZIANE, 2000, p. 32).

É papel fundamental desses anciões abordar a existência de espíritos e a importância da tradição religiosa em seu país, pois com a chegada do europeu houve uma severa repressão às instituições tradicionais e a seus representantes, bem como aos valores sociais e culturais dos nativos nos quais ao longo do tempo foram considerados retrógrados e, por isso, duramente reprimidos pela nova geração que tem o pensamento moldado por meio da colonialidade do poder. Para Aguiar, Conte e Tettamanzy (2014, p.148), o romance de Chiziane,



[...] promove um rompimento com os silenciamentos históricos impostos a Moçambique e à África, procurando reestabelecer a tradição e seus saberes. Tradição recuperada e materializada ficcionalmente pela autora que, ao engendrar um narrador para seu romance, gesta, também, um mecanismo de recuperação da memória oralizada que a compõe.

Não diferente do que Matos (2009) afirma, é possível encontrar em *O sétimo juramento* (2016) personagens anciões que carregam o segredo da vida como é o caso do pai de Lourenço, conhecido como *Makhulu Mamba*, um homem rico e feiticeiro poderoso que cultiva o lado obscuro da magia e conduz o protagonista David a realizar o seu último juramento; a mulher *Mbizimbolo*, a velha curandeira *nguni* que não faz feitiços, mas cura o corpo através do conhecimento que carrega da natureza. Nos relatos desses personagens, estão presentes elementos identificadores da tradição oral, como por exemplo, mitos, fábulas ou histórias pessoais para falar sobre curandeirismo, magia, feitiçaria e espíritos que fazem parte do imaginário maravilhoso oral de moçambicano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A autora contempla sua obra a partir da ótica histórica pós-colonial que considera sua ruptura com seu colonizador e as diversas consequências pela guerra civil. Em meio as situações, a literatura moçambicana procura por sua identidade para demonstrar as vivências nos mais variados conceitos, a partir dos contextos que lhe impuseram por meio do sistema colonial, sempre procurando autoafirmação e sua valorização da ideia de nação.

Com seu contexto histórico ainda que contemporâneo, artigo teve como objetivo fazer uma análise a partir das narrativas ancestrais da personagem avó Inês da obra *O Sétimo Juramento* (2000), de Paulina Chiziane nas quais revelam a importância das tradições orais e como influenciam nas gerações seguintes a perpetuação dos conhecimentos históricos e tradicionais de um povo. São ensinamentos que não se bastam apenas em mitologias, mas sim, representam memórias e aprendizados antepassados que atuam na religiosidade, natureza e vida social.

Existe a preocupação que as tradições pereçam em detrimento à modernidade, porém, como força à resistência ancestral, o livro mostra que os ensinamentos são de grande valia e a palavra falada de grande importância para compreender a herança das memórias dos mais antigos. Nesse contexto, a autora mostra que a preservação implica em sabedoria e resistência, traços que levam em todo decorrer da obra.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, R. H.; CONTE, D.; TETTAMANZY, A. L. De África, de Áfricas e outros silenciamentos: da tradição oral à materialidade ficcional de Paulina Chiziane. **Revista Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 39, n. 66, p. 127-150, jan./jun. 2014. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/4669>>. Acesso em: 10 ago. 2021.
- BÂ, A. Hampaté. A tradição viva. In: KI-ZERBO J. **História geral da África**, I: Metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010.
- CHIZIANE, Paulina. **Balada de amor ao vento**. Lisboa: Caminho, 2003.
- CHIZIANE, Paulina. Entrevista à TV Brasil. **Agência Brasil – Empresa Brasil de Comunicação**, 17/04/2012. Disponível em: <<https://tvbrasil.ebc.com.br/3a1/episodio/paulina-chiziane>>. Acesso em: julho/2021. Acesso em: 10 ago. 2021.
- CHIZIANE, Paulina. **Niketche**: Uma história de poligamia. São Paulo: Companhia das letras, 2004.
- CHIZIANE, Paulina. **O alegre canto da perdiz**. Porto Alegre: Dublinense, 2018.
- CHIZIANE, Paulina. **O sétimo juramento**. Lisboa: Caminho, 2016.
- CHIZIANE, Paulina. **Ventos do Apocalipse**. Lisboa: Caminho, 2003.
- FERRAZ, Selma; MARTINS, Patrícia Leonor; VIEIRA, Márcia Mendonça Alves. **Dicionário de personagens da obra de Paulina Chiziane**. São Paulo: Todas as musas, 2019.
- FERREIRA, M. C. **Estratégias narrativas e identidades deslizantes em venenos de Deus, remédios do Diabo, de Mia Couto**. In: Simpósio Nacional e Internacional de Letras e Linguística, 2009, Uberlândia. Anais [...]. Uberlândia: EDUFU, 2009. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt_lt14_artigo_7.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.
- FRANCISCO MANUEL, Vilma. Identidade da Cultura Moçambicana. *Ling. Acadêmica*, Batatais, v. 8, n. 2, p. 151-170, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://web-api-claretiano-edu-br.s3.amazonaws.com/cms/biblioteca/revistas/edicoes/605b6bb5dbbe5f8e7720ea4a/arquivoA_nexo.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.
- GEARY, Patrick J. **O mito das nações: invenções do nacionalismo**. São Paulo: Corand Editora do Brasil, 2005.
- MACÊDO, Tânia. MAQUÊA, Vera. Paulina Chiziane, uma pioneira na literatura moçambicana. In: MACEDO, Tânia. MAQUÊA, Vera. **Literaturas de Língua Portuguesa: marcos e marcas – Moçambique**. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.
- MATOS, Gislayne Avelar. **O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.



NOA, F. Surget et Ambula: literatura e (des)construção da nação. **Estudos de Sociologia**, Recife, v. 2, n. 20, p. 341-369, jan./dez. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235547>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo, v.10, p.7-28, Dez., 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2006.

WATT. Ian. **A Ascensão do Romance**. São Paulo: Cia das Letras, 1996